

Kyle Dunham, Jó, Elifaz 2

© 2024 Kyle Dunham e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Kyle Dunham em seu ensinamento sobre Elifaz, o sábio piedoso de Jó. Esta é a sessão número dois, A Teodicéia da Sabedoria de Elifaz no Contexto do Antigo Oriente Próximo e das Escrituras.

Em nossa palestra anterior, examinamos Elifaz no contexto de Edom e particularmente nas tradições da sabedoria edomita.

Nesta palestra, queremos olhar mais especificamente para alguns dos principais princípios que compunham sua teologia, sua abordagem da sabedoria, e olhar para os textos-chave do livro de Jó, onde ele fala sobre a situação de Jó e tenta trazê-lo para um lugar de resolução para apaziguar a Deus e se arrepender de seus pecados. E assim, resumo a abordagem de Elifaz à teodicéia, que reconcilia o sofrimento justo com a justiça de Deus em três títulos. A primeira é a teologia da retribuição, a teologia da retribuição.

Há uma série de correlações entre o livro de Jó e a antiga sabedoria do Oriente Próximo. Por exemplo, o princípio da retribuição era parte integrante da perspectiva filosófica da antiga Mesopotâmia. Na mente dos antigos, não havia dúvidas sobre a existência dos deuses do seu panteão e como esses deuses governavam a humanidade.

Pelo contrário, a luta ideológica, que deu origem aos antigos escritos de sabedoria do Oriente Próximo, tentava integrar a compreensão do papel de Deus com observações relativas à sua aparente inconsistência no seu funcionamento. Por outras palavras, estes princípios de retribuição nem sempre pareciam concretizar-se na vida das pessoas. Van Torn diz desta forma: o que está em jogo nos textos da teodicéia mesopotâmica é a validade do modelo de retribuição e a noção de divindade que ele implica.

A visão mesopotâmica tinha em sua essência uma visão particular do destino. Buccellati observa que o destino não é um Deus pessoal, mas sim uma referência última no condicionamento do comportamento dos deuses. E assim, isto era muitas vezes incluído numa palavra suméria, eu, que Walton diz referir-se a estes atributos de controlo.

Walton diz isso, de acordo com o antigo princípio comum de similaridade do Oriente Próximo, os deuses excediam os humanos em força, longevidade, beleza, tamanho e apetite, mas suas emoções e valores refletem os de seus servos humanos. Podemos ver isso em diversas inscrições do antigo Oriente Próximo que falam sobre os deuses

e seu papel em termos de ordenação do comportamento humano. Há uma inscrição mencionada nesse sentido, a Lenda de Ere.

Antes que esteja escrito nesta inscrição, levante-se antes de devastar o país, quão aliviada sua mente ficará, quanto seu coração se alegrará. Os membros de Ere estão cansados como os de quem não consegue dormir. Devo levantar? Devo continuar mentindo? Ele se pergunta para suas armas, ele diz, fiquem nas prateleiras, para os heróis incomparáveis de Sibiti, de volta aos seus assentos até que você o desperte, Ere ficará em seu quarto.

Ere experimenta alegria, fadiga, indecisão e prazer da mesma forma que os humanos. Na área da retribuição, baseia-se nesta noção de semelhança para postular ainda que os deuses e os humanos também partilham a apreciação das normas sociais, que envolvem a ética da beneficência para com os outros, especialmente aqueles de classe ou posição inferior à sua. Isto é visto, por exemplo, nos conselhos de sabedoria da Babilônia, nos quais se presume que a retribuição de acordo com os atos deriva da avaliação moral análoga dos deuses, particularmente de Shamash, que é responsável pela administração da justiça.

Diz isto: não insulte os oprimidos. Não zombe deles de forma autocrática. Com isso, o Deus do homem fica irado.

Não agrada Shamash quem o retribuirá com o mal. Assim, os deuses valorizavam as ações de caridade para com os angustiados, mas desaprovavam o desprezo para com os necessitados. Prazer ou repulsa são os dois pólos que movem o deus à ação.

Portanto, cabia ao humano alinhar seu comportamento com o que agradava ao seu Deus. E desse entendimento, o código da retribuição segue naturalmente. Se alguém está sofrendo, o Deus fica enojado.

Se alguém é recompensado, Deus fica satisfeito. A observação pessoal torna-se o meio pelo qual alguém é avaliado como agradável ou desagradável a Deus. Van Toren diz desta forma, de acordo com a teologia tradicional dos estudiosos mesopotâmicos, a doutrina da retribuição é uma lei da natureza, por assim dizer, que não requer um ato de divulgação por parte dos deuses.

Em vez disso, pode ser visto a partir da observação, extrapolação e especulação sobre o princípio da similaridade. Assim, o julgamento de valor colocado por Deus sobre o comportamento de alguém era observável nas circunstâncias externas da vida de alguém. Aqueles que são felizes e bem-sucedidos foram recompensados por Deus.

Aqueles que estão desanimados e sofrendo foram punidos. Esta norma de retribuição também sustenta grande parte da perspectiva de sabedoria promulgada

pelos amigos de Jó, especialmente Elifaz, que é o arquétipo e o principal conselheiro na resposta a Jó. Estas normas da antiga sabedoria do Oriente Próximo estão incorporadas em seus conselhos.

Por exemplo, logo no início, Elifaz dá esse tom em seu primeiro discurso. Em Jó 4 :6-8, ele diz, o seu temor a Deus não é a sua confiança e a integridade dos seus caminhos não é a sua esperança? Lembra-se de quem era inocente e morreu ou onde os justos foram eliminados? Como tenho visto aqueles que cultivam a iniquidade e semeiam problemas colhem o mesmo. Esta passagem fornece o núcleo da doutrina retributiva de Elifaz.

Aqui pode-se discernir em Elifaz tanto a observação pessoal como determinante para o julgamento de valor, diz ele, como já vi, bem como a conexão entre ação e consequência, quem era inocente pereceu. Aquelles que lavram a iniquidade colhem o mesmo. A importância da observação pessoal e da interpretação de Elifaz da situação difícil de Jó torna-se especialmente evidente no encerramento culminante de seu primeiro discurso.

Em Jó 5:27, Elifaz diz: eis que isto nós investigamos. É verdade. Ouça e saiba disso para o seu próprio bem.

Neste segundo discurso, Elifaz fornece um discurso extenso e eloquente sobre a retribuição exigida ao malfeitor. Ele usa analogias da guerra e da fome para delinear a total desolação do malfeitor. Ele resume a situação dos ímpios desta forma, pois a companhia dos ímpios é estéril.

O fogo consome as tendas do suborno. Eles concebem problemas e dão origem ao mal. O seu ventre prepara o engano.

Portanto, a destruição iminente do malfeitor é inexorável. No seu discurso final, Elifaz aplica este princípio de retribuição unilateralmente. Jó está em agonia precisamente por causa do seu pecado.

Elifaz diz isso: o seu mal não é abundante? Não há fim para suas iniquidades. No entanto, ele se volta para Jó e oferece esperança de que, se ele se voltar para Deus, o bem virá porque os justos serão recompensados. Ele diz isso nos versículos 21 a 23 de seu discurso final, concorde com Deus e fique em paz.

Portanto, o bem virá para você. Receba instruções de sua boca e guarde suas palavras em seu coração. Se você retornar ao Todo-Poderoso, você será edificado.

Assim, podemos ver que na sua compreensão da retribuição, Elifaz incorpora muitos dos mesmos princípios que se alinham com a perspectiva da Mesopotâmia, de que os deuses retribuem o bem ou o mal no comportamento observável por parte do

sofredor. A segunda categoria além da teologia da retribuição seria o apaziguamento através de encantamentos divinos, o apaziguamento através de encantamentos divinos. Outra área de concordância entre a perspectiva de Elifaz e a da sabedoria mesopotâmica é o uso da oração para livrar-se do mal e recuperar o favor da divindade.

Na Mesopotâmia, essas fórmulas de oração assumiam a forma de encantamentos, que eram proferidos em voz alta pelo especialista religioso para extirpar o mal que se abateu sobre a vítima, a fim de purificá-la ritualmente. Orações ou encantamentos eram os meios para reconquistar o favor dos deuses. O conselheiro da Teodiceia Babilônica adverte o sofredor desta forma: busque o vento bondoso do deus. O que você perdeu em um ano, você recuperará em um momento.

Uma das séries de encantamentos notáveis no antigo Oriente Próximo são os Encantamentos Sherpu. E estes são prescritos quando o sofredor não sabe como ofendeu a Deus ou à ordem mundial existente.

Em resposta à sua situação, o sofredor deve apresentar ou delinear uma longa lista de possíveis pecados, que vão desde a violação de tabus religiosos até violações de normas morais sociais. A vítima também acrescenta pedidos de libertação de juramentos inadvertidos, que podem ter evocado poderes ocultistas malignos contra ela. Um estudioso disse desta forma, o que é interessante é que quando os direitos são descritos, todas as ofensas possíveis são listadas como sendo absolvidas por esses direitos.

É óbvio que a vítima que necessita destes serviços não cometeu tantos crimes. O tema predominante é não saber que transgressão um homem cometeu ou de que mal ele é culpado. Ele simplesmente enumera todas as possibilidades.

No encantamento, o sofredor reconhece tanto a sua culpabilidade perante o deus como a sua ignorância do delito. No Encantamento Sherpu, o sofredor diz isso, ou melhor, o padre, ele não sabe o que é um crime contra Deus. Ele não sabe o que é pecado contra a deusa.

Ele desprezou o Deus. Ele desprezava a deusa. Seus pecados são contra seus deuses.

Seus crimes são contra sua deusa. Depois de apontar esse desprezo inadvertido que recebeu do deus, o sofredor passa a confessar uma litania de pecados perpetrados contra outras pessoas. Embora seja certo que na realidade ele não cometeu todos esses atos, ele os enumera como pecados pessoais.

Ele confessa conflitos e ódios familiares, mentiras, negócios enganosos, remoção de limites, extorsão, imoralidade, assassinato, opressão dos necessitados, fofoca, feitiçaria, violação de tabus religiosos, negligência dos deuses, insubordinação

política e votos quebrados. Ele diz coisas como, ele pegou dinheiro que não lhe era devido. Ele deserdou o filho legitimado.

Ele vestiu as roupas do vizinho. Ele não vestiu um jovem quando ele estava nu e assim por diante. O encantamento termina com um apelo a mais de 50 deuses no Panteão para libertar o mal, seguido por um apelo final ao Deus e à deusa.

Um semelhante seriam os Encantamentos Dinger Shadiba, que são uma série de encantamentos atribuídos para apaziguar um Deus irado. Lambert diz que o propósito disso é este. Ele diz que o objetivo dessas orações em todos os casos deriva do infortúnio ou sofrimento de quem ora.

Presume-se que isso ocorreu e que o Deus pessoal estava irado. Sua raiva então teve que ser apaziguada. O sofredor, novamente, parece não ter conhecimento dos crimes exatos que cometeu, mas lista todas as possibilidades para explorar formas de resolver a crise.

Ele deve confessar isso, minhas iniquidades são muitas. Eu não sei o que fiz. Meu Deus, expurgue, libere, suprima a raiva do seu coração.

Desconsidere minhas transgressões, receba minhas orações e transforme meus pecados em virtudes. A vítima implora por clemência com a divindade e visão da universalidade do pecado. Ele diz que, em relação à ofensa, à iniquidade, à transgressão e ao pecado, ofendi meu Deus, pequei contra minha deusa.

Ele então enumera pecados específicos em um esforço para ganhar o favor de Deus. Ele diz: cometi uma ofensa contra o deus que me criou. Eu cometi uma abominação, sempre praticando o mal.

Eu cobiçava propriedades abundantes. Eu desejei prata preciosa. No livro de Jó, os amigos também parecem sugerir que Jó pode ser restaurado por meio de um encantamento divino.

Vemos isso de várias maneiras. Primeiro, como na metodologia desses encantamentos, Elifaz repetidamente lembra Jó de voltar-se para Deus em oração. Em seu primeiro discurso, Elifaz exorta Jó, quanto a mim, buscaria a Deus e a Deus entregaria minha causa.

Ele segue com a insistência de que a submissão a Deus traz bênçãos. No capítulo cinco, versículo 17, ele diz: eis que bem-aventurado aquele a quem Deus repreende. Portanto, não despreze a disciplina do Todo-Poderoso.

Embora não use a terminologia explícita de oração, a sugestão é que se Jó se submetesse aos caminhos de Deus, por inferência, se ele orasse humildemente, tudo

ficaria bem. No entanto, Jó é beligerante. Portanto, Elifaz deve retornar com uma advertência em seu segundo discurso a respeito da perigosa recusa de Jó em se submeter à oração.

No capítulo 15, versículos 12 e 13, Elifaz diz: por que o seu coração o arrebatou? Por que seus olhos brilham a ponto de você virar seu espírito contra Deus e tirar tais palavras de sua boca? A implicação é que, em vez de obter a reconciliação através da oração aquiescente, Jó está ofendendo ainda mais a Deus com suas contínuas explosões. No terceiro discurso, Elifaz retorna ao seu apelo mais cortês a Jó para que invoque a Deus. Ele faz um extenso apelo à oração no clímax de seu discurso.

No capítulo 22, versículos 21 ao 23, concorde com Deus e fique em paz. Portanto, o bem virá para você. Receba instruções de sua boca e guarde suas palavras em seu coração.

Se você retornar ao Todo-Poderoso, você será edificado. Elifaz segue com um apelo final pelo resultado feliz que aguarda a oração penitencial. Você se deleitará no Todo-poderoso e levantará seu rosto para Deus.

Você fará sua oração a ele e ele te ouvirá. Você pagará seus votos. É claro que Elifaz entende que a resolução da situação de Jó repousa na oração restaurativa, provavelmente modelada a partir das orações encantatórias feitas pelos piedosos sofrendores nesses relatos.

Além disso, um outro fator se torna significativo. A série de encantamentos da Mesopotâmia fornece uma visão do confronto mais direto de Elifaz com Jó. Em seu terceiro discurso, Elifaz delinea a Jó uma longa lista de males que Jó cometeu.

Ele diz, pois você exigiu promessas de seus irmãos por nada e despiu suas roupas. Você não deu água para beber aos cansados. Você reteve o pão aos famintos.

O homem com poder possuía a terra e o homem favorecido vivia nela. Você despediu as viúvas vazias e os braços dos órfãos foram esmagados. Jó 22.6-9. À luz da série de encantamentos, é provável que, como Jó se recusou a confessar quaisquer pecados a Deus, o que Elifaz esteja fazendo seja um estímulo.

Em vez de apenas um esboço dos pecados que ele imagina que Jó cometeu, Elifaz parece estar preparando o caminho para a reversão de Jó, oferecendo uma lista de atos malignos genéricos aos quais Jó poderia ceder. Ao fazer isso, Jó tem a certeza de que será restaurado à aprovação divina se simplesmente admitir o mal, conhecido ou desconhecido. A terceira categoria que eu consideraria Elifaz incorporando paralelamente à sabedoria mesopotâmica seria a sabedoria mântica.

Um elo final entre os escribas e sábios da Mesopotâmia e os amigos de Jó é a sabedoria mântica. A sabedoria está associada à revelação especial do reino divino. Rasgado novamente, enfatiza a importância que a adivinhação ocupava na perspectiva da sabedoria da Mesopotâmia.

Ele diz que a ciência tradicional da adivinhação era considerada de origem celestial. Sua origem remonta a Enma Druranki, outrora rei de Sippar, que devia seu conhecimento a uma revelação celestial. A adivinhação formou uma conexão entre a sabedoria dos assuntos práticos e os mistérios do culto.

O sábio foi o iniciado que conseguiu superar essa lacuna com sucesso. A adivinhação forneceu uma visão sobre a natureza da realidade, criando assim um meio revelador de adquirir conhecimento dos aspectos mundanos, mas inalteráveis, da realidade. Um estudioso observou que, em vez de uma tentativa de distorcer a realidade, a adivinhação pode ser vista como a capacidade de perceber as leis que ligam os vários aspectos da realidade.

Lester Grabb disse desta forma: o sábio se sobrepõe às esferas sobrenaturais e mundanas da mesma forma que se sobrepõe às funções de sacerdotes, profetas, adivinhos e assim por diante. Vemos isso em vários textos do antigo Oriente Próximo, nos quais a sabedoria está ligada à revelação do reino sobrenatural. O sofredor em Ludlu bel nemeqi reconhece o significado da adivinhação como meio de restauração e, portanto, apela a este meio como um caminho para apaziguar o Deus ofendido.

Ludlu bel Nemeqi diz isso, os órgãos de presságio ficam confusos e inflamados para mim todos os dias. O presságio do adivinho e sacerdote dos sonhos não explica minha condição. O adivinho com a sua inspeção não chegou à raiz da questão, nem o sacerdote do sonho com a sua libação elucidou o meu caso.

Procurei o favor do espírito, mas ele não me esclareceu. E o sacerdote encantado com seu ritual não aplacou a ira divina. Este conhecimento especial de adivinhação poderia ocorrer através de vários meios.

Uma delas foi através de sonhos em que o deus se revelava. Por exemplo, o sofredor de Ludlu bel Nemeqi revelou-lhe através de uma série de sonhos que Marduk pretende restaurá-lo. Ele descreve a aura espectral da experiência onírica.

Ele diz isso, sua mão pesava sobre mim. Eu não aguentei. Meu pavor dele era alarmante.

Seu semblante feroz era um tornado. Ele ficou em cima de mim. Meu corpo estava entorpecido.

Curiosamente, como parte desta experiência onírica, um sacerdote encantado é usado para entregar ao sofredor as boas novas que Marduk achou por bem restaurá-lo. Diz isto, um sacerdote de encantamento carregando uma placa, Marduk me enviou. Eu trouxe prosperidade das mãos puras de Marduk.

Eu trouxe prosperidade. Portanto, uma experiência onírica era uma parte importante da revelação do reino divino e um componente integral da sabedoria mesopotâmica. Na teodicéia babilônica, o sábio conselheiro também reconhece a importância do reino espiritual protetor.

Diz que quem espera em seu Deus tem um anjo protetor. Para o sofredor de Ludlu, a única solução certa para a sua situação era a oração intercessória ao conselho de Deus, que soa surpreendentemente semelhante ao conselho oferecido por Elifaz. Quanto a mim, dei atenção à súplica e à oração.

Para mim, a oração era discricção, sacrificar meu governo. Esses meios de restituição eram a única esperança para o infeliz sofredor. E no livro de Jó vemos uma realidade semelhante.

O principal conselheiro entre os amigos de Jó relata, em seu discurso de abertura, uma experiência única de revelação em que recebeu uma mensagem do reino espiritual, de uma aparição que lhe apareceu no meio da noite. Diz no capítulo quatro que agora uma palavra me foi trazida furtivamente. Meu ouvido recebeu o sussurro disso.

Em meio aos pensamentos das visões noturnas, quando o sono profundo cai sobre os homens, o pavor tomou conta de mim em tremor, o que fez todos os meus ossos tremerem. Ele descreve seu visitante como um espírito e uma forma. Dadas as semelhanças entre a descrição de Elifaz de sua visita noturna e as descrições de Ludlu bel nemeqi, é bastante provável que Elifaz tenha tido um sonho.

O sonho fornece um contexto revelador extraordinário para comunicar a Elifaz a verdade sobre a universalidade da pecaminosidade humana. Elifaz aproveita essa experiência para aumentar sua credibilidade e dar peso ao seu conselho. O uso da revelação especial por Elifaz é incomum no corpus da literatura sapiencial hebraica.

Não é sempre que os sábios relatam visitas noturnas do reino espiritual. O uso que Elifaz faz disso, no entanto, faz sentido no contexto da sabedoria mesopotâmica. As semelhanças fornecem sugestões adicionais de que Elifaz está operando dentro da tradição da sabedoria mesopotâmica.

Além disso, Elifaz faz alusão à saída do anjo benevolente de Jó, sinal certo de que a divindade está descontente. No meio de seu primeiro discurso, Elifaz alude à perda da sabedoria angélica e da intercessão angélica do sofredor. Ele diz em Jó 5:1, ligue

agora, há alguém que vai te atender? Para qual dos santos você se voltará? Há outros indícios dessa ideia ao longo de seus discursos.

Por exemplo, ao expor a sua ideia de sofrimento corretivo, Elifaz parece sugerir proteção contra demônios que temem causar destruição à humanidade. No capítulo cinco, ele diz, você estará escondido do açoite da língua e não temerá a destruição quando ela vier. Da destruição e da fome, você rirá.

Essa proteção provavelmente vem da presença de um espírito protetor ou anjo que zela pelos justos e sustenta o favor de Deus. Talvez também se encontre uma ilusão na promessa de Elifaz de restauração de Jó, se Jó atendesse ao seu conselho. Você orará a ele e ele o ouvirá.

Jó 22:26. dada a transcendência total da divindade de Elifaz, pode-se postular que isso é conseguido através da proteção de um ser espiritual. Por último, Elifaz apela à oração intercessória como o único meio seguro de restituição. Ele diz que, quanto a mim, buscaria a Deus e a Deus entregaria minha causa.

Na súplica final do seu terceiro discurso, Elifaz oferece uma solicitação final. Ele diz: concorde com Deus e fique em paz, assim o bem virá para você. Como resultado, você fará sua oração a ele e ele o ouvirá.

Você pagará seus votos. O conselho de Elifaz é visivelmente semelhante à abordagem do sofredor em Lulu Bel-Nemechi e nessas outras antigas obras de teodicéia do Oriente Próximo. Isto sugere que Elifaz está firmemente enraizado na tradição de sabedoria mesopotâmica, que argumentei que seria exemplificada na tradição de sabedoria edomita da qual ele fazia parte.

Agora, quando chegamos aos discursos de Elifaz nos textos bíblicos, precisamos destacar algumas coisas que são fundamentais e significativas para a compreensão da mensagem que ele pretende transmitir. Ao examinar os vários discursos de Elifaz e estudar sua história de recepção ao longo da interpretação da igreja, bem como a literatura judaica primitiva do Segundo Templo, cheguei à conclusão de que havia várias facetas de Elifaz que foram pontos decisivos sobre os quais os intérpretes chegaram. considera Elifaz um crítico severo ou um sábio benigno. E assim, havia oito categorias diferentes que os intérpretes tendiam a considerar para determinar se Elifaz deveria ser visto como um personagem favorável ou desfavorável.

Estou argumentando que é algo intermediário. Ele tem um caráter mais favorável do que desfavorável, no sentido de que está enraizado nas tradições de sabedoria da Mesopotâmia, mas, em última análise, sua sabedoria é deficiente. E assim, uma função do livro é mostrar que mesmo a melhor das tradições de sabedoria humana é insuficiente para compreender plenamente as implicações do sofrimento inocente e justo ao lidar com ele no contexto da retidão e da justiça de Deus.

Então, aqui estão os fatores que os intérpretes analisaram. Eles olharam para o tom de Elifaz. Vemos no tom de seus discursos que ele começa de uma forma que parece suave e gentil, mas no final dos discursos ele está acusando Jó de uma lista de pecados sórdidos.

Então, entender seu tom é um aspecto. Outra coisa que os intérpretes observaram é o propósito e o papel mais amplos de Elifaz em sua posição entre os personagens de Jó. Ou seja, ele deu um exemplo, um paradigma para os outros? E se sim, como isso se relaciona com a importância dele no livro? Outros analisaram a natureza do credo teológico que sustentava sua teodicéia.

Em outras palavras, quais eram os princípios teológicos que o guiavam? E então um dos aspectos-chave foi a natureza, o propósito e o valor da doutrina retributiva de Elifaz, especialmente olhando para Jó 4. Na verdade, eu iria mais longe e diria que esta é uma espécie de passagem divisor de águas. A maneira como você entende Elifaz em Jó 4.5-11 realmente determina como você o percebe como personagem do livro. Outros fatores também foram importantes, é claro, olhando para essa interação angélica ou espiritual durante o encontro de visão onírica em Jó 4.12-21. Veja como ele fala sobre o sofrimento corretivo no capítulo cinco.

Então, ele está falando sobre o sofrimento como meio de bem e crescimento. E depois olhando para o seu estatuto de principal interlocutor e estadista mais velho. No capítulo 15, em seu segundo discurso, ele apela às tradições de sabedoria e isso parece colocá-lo como um estadista mais velho entre os sábios.

E assim, isso tende a levar a uma visão mais elevada dele, se isso for entendido nesse contexto. Observando também como Elifaz usa essa chamada lista de pecados no capítulo 22. Mencionei isso anteriormente, ele apresenta uma lista de pecados, aparentemente como um modelo para Jó confessar.

Então, entender qual é o propósito dele ao fazer isso. E então, é claro, olhando por que Yahweh o repreende no final do livro. Em Jó 42.7, Yahweh diz a Jó que os amigos não falaram corretamente a respeito dele.

Então, o que eu gostaria de fazer é examinar brevemente alguns dos princípios-chave desses discursos de Elifaz e ler alguns dos textos-chave que nos ajudariam a entender o que está acontecendo. O primeiro discurso de Jó abrange os capítulos quatro e cinco. A maioria dos comentaristas e intérpretes reconhece que há essencialmente duas seções aqui e elas se enquadram perfeitamente nas divisões dos capítulos.

A primeira seção seria o capítulo quatro, dois a 21, e a segunda seção, o capítulo cinco, um a 27. Essas seções são geralmente classificadas no gênero de discurso de

disputa. Isso é definido como uma discussão entre duas ou mais partes que defendem pontos de vista diferentes.

Isto é típico do diálogo entre homens sábios e sábios que lutam por uma premissa. Também ocorre entre litigantes em tribunal, bem como frequentemente entre os profetas e o povo quando os profetas vêm confrontá-los sobre violações da aliança. Seguindo a fórmula introdutória, que ocorre no início de cada um dos discursos de Elifaz, que é então Elifaz respondeu e disse que o capítulo quatro tem duas estrofes maiores com quatro sub-estrofes.

Podemos classificá-lo desta forma. Existem essencialmente quatro partes no capítulo quatro. Elifaz começa admoestando Jó nos versículos dois a quatro com base em seus atos justos passados, de que a esperança está à sua frente se ele se arrepender e se submeter.

Assim, desde o início, Elifaz está tentando levar Jó a um lugar de apaziguamento divino, a um lugar de resolução pelo arrependimento e renúncia aos seus pecados. Na segunda parte, capítulo quatro, versículos cinco a 11, isso fornece a essência do argumento retributivo de Elifaz de que os inocentes não podem perecer como os ímpios. E este é um princípio inflexível para Elifaz de que existem distinções claras entre os justos e os ímpios.

Os justos simplesmente não podem perecer como os ímpios. No capítulo quatro, versículos 12 a 16, vemos a terceira parte. É aqui que Elifaz relata sua visão onírica auditiva que ocorreu durante a noite.

E nesta seção ele traz a revelação divina, essa sabedoria mântica para substanciar a validade de seu conselho. Ele está essencialmente dizendo: Eu sei que isso é verdade porque não apenas estou dizendo isso, mas também recebi uma revelação especial do reino do mundo espiritual. E então a quarta parte é o capítulo quatro, versículos 17 ao 21.

E aí vemos o conteúdo desta revelação especial, que Elifaz recebe do espírito. No capítulo cinco, há três estrofes e chegaremos a isso em um momento. Nessas estrofes, ele fala sobre o resultado se Jó não se arrepender e não receber o apaziguamento divino.

Na primeira parte, voltando ao capítulo quatro, quero focar por um momento nos versículos cinco a 11. Nesta seção, Elifaz descreve os principais princípios teológicos de sua doutrina retributiva. Esta seção é marcada no versículo cinco por uma conjunção contrastiva, juntamente com uma transição dos atos passados de Jó para a sua situação atual.

Esta mudança proporciona a Elifaz uma oportunidade de expor a sua doutrina de retribuição. Termina no versículo 11, quando Elifaz usa uma analogia com leões selvagens para apoiar sua observação a respeito da retribuição divina nos assuntos humanos. Conforme argumentado anteriormente, a maneira pela qual um intérprete lê esta seção determina em grande parte como ele entende Elifaz.

O conselheiro principal desta seção descreve sua tese e a corrobora com ilustrações pontuais da natureza, especialmente com foco nos leões. Há esperança para Jó caso ele se arrependa devido à realidade inescrutável de que apenas os ímpios perecem. Jó está mancando no caminho da perdição, mas ele terá a oportunidade de reverter o curso se concordar com a divindade ofendida.

Somente este curso de ação aplacará a ira de Deus e restaurará Jó a uma vida de bênçãos. Elifaz começa esta seção, Mas agora chega até você e você não pode pagar. Isso toca você e você fica consternado.

Certamente o seu medo é a sua fonte de confiança e a integridade dos seus caminhos é a sua esperança. Lembra-se de quem era inocente e onde os justos foram apagados? Assim como vi aqueles que cultivam a maldade e semeiam problemas colherem o mesmo. Pelo sopro de Deus eles perecem e pela rajada de sua ira, eles se transformam em nada.

O rugido do leão, o som do leão selvagem e os dentes dos leões novos são quebrados. O leão morre por falta de presa e os filhotes da leoa se dispersam. Nesta seção, Elifaz dá o tom do eloqüente antigo conselheiro do Oriente Próximo.

Ele levará o sofrimento de volta a uma visão correta de seu pecado e, em última análise, a uma capitulação necessária à divindade ofendida. Para adicionar sofisticação persuasiva ao seu argumento, Elifaz emprega imagens observadas a partir de padrões naturais e previsíveis de agricultura e vida animal. De certa forma, isso antecipa os discursos posteriores de Yahweh.

Estes são incluídos pelo sábio para reforçar seu ensinamento sobre o destino dos ímpios e para aumentar a necessidade de Jó se arrepender, para apaziguar a divindade enfurecida. E estão ancorados em temas comuns ao antigo Oriente Próximo e ao contexto de onde ele emerge. A próxima seção significativa dos discursos de Elifaz é a visão noturna do sonho, que ocorre no capítulo quatro, versículos 12 a 16.

O versículo 12 é a introdução de uma sub-estrofe. Isto é claramente marcado por uma mudança de tópico, assim como os versículos 12 a 16 formam uma inclusão. Elifaz começa aqui a incorporar sua experiência visionária com uma breve descrição do encontro que teve com um ser espiritual.

No versículo 12, ele diz: Uma palavra veio a mim furtivamente. Meus ouvidos captaram apenas um sussurro em meio a pensamentos alarmantes decorrentes das visões noturnas. Quando o sono profundo cai sobre os homens, o pavor e o tremor tomam conta de mim.

Todo o meu corpo tremeu. Um espírito passou pelo meu rosto. Isso fez os pelos da minha carne se arrepiarem.

Ficou parado, mas não consegui reconhecer suas características. Uma forma estava diante dos meus olhos, um silêncio, e então ouvi uma voz. Este vívido encontro onírico compreende esta seção do primeiro discurso de Elifaz.

Ele retrata aqui seu contato com o divino. E esta é uma das passagens mais extraordinárias, realmente, em todas as Escrituras. Ele diz que é uma palavra que vem a ele secretamente.

Este é um termo bastante incomum. Chegou até ele furtivamente ou furtivamente. Alguns postulam que este é um termo técnico para revelação, mas a descrição anormal da revelação parece contradizer isso.

Em vez disso, ele parece estar simplesmente dizendo que Deus lhe deu alguma revelação através dos meios deste ser espiritual, que teve um efeito psicossomático surpreendente sobre ele. Ele continua descrevendo esses pensamentos inquietantes que surgiram da visão. Ao fazer isso, muitos compararam esta ocasião com uma palavra para sono profundo nas Escrituras, que em outros lugares é usada para um encontro com o divino.

Notavelmente, o próprio Abraão cai em um sono profundo em Gênesis 15, quando o Senhor Yahweh aparece para ele. Em Gênesis 15:12, Abraão, o narrador descreve isso, e há algumas semelhanças impressionantes com o retrato de Elifaz. Em Gênesis 15.12, quando o sol se punha, um sono profundo caiu sobre Abraão, e eis que terror e grandes trevas caíram sobre ele.

Tanto Gênesis quanto o relato de Jó usam esse termo para o sono profundo para descrever o contexto da revelação divina. Ambos os registros retratam o elemento emotivo do terror. E assim, provavelmente há uma inter-relação entre essas descrições.

Provavelmente, a intenção é sugerir que o encontro onírico de Elifaz está significativamente enraizado no antigo contexto do Oriente Próximo, no qual Deus se revela por meio do sono profundo e de um sonho. Elifaz descreve isso como o pavor tomando conta dele, seus ossos tremendo. Ele se refere aqui a todo o seu corpo.

Ele diz que seus cabelos estão em pé. E ao fazer isso, ele transmite significativamente como essa mensagem o impactou e a mensagem que ele está transmitindo a Jó. A próxima parte é onde ele transmite ao público a substância do que lhe foi revelado.

Isso acontece nos próximos versículos, começando no versículo 17. O Espírito dá uma mensagem a Elifaz que ele então transmite aos que estão ao seu redor. No versículo 17, ele diz: Como pode um ser humano mortal ser justo diante de Deus? Como pode um homem ser limpo diante de seu Criador? Se Deus não confia em seus servos e atribui loucura aos seus anjos, quanto mais aqueles que habitam em casas de barro, que têm um alicerce de pó, estão sujeitos a serem esmagados como uma mariposa no espaço do amanhecer ao anoitecer, eles pode ser pulverizado.

Eles morreriam para sempre sem que ninguém percebesse. Não morreriam se a corda da sua tenda fosse arrancada, mas não por causa da sabedoria? O conteúdo da revelação especial entregue a Elifaz foi algumas vezes descrito como banal.

Ele expõe novamente esse tema recorrente da retribuição divina como crucial para Elifaz. Isto é, Deus recompensa e pune os justos e os maus de acordo com suas ações. E então, esse ser espiritual vem até Elifaz e ele pronuncia isso e Elifaz transmite isso para Jó e para os outros.

A última parte significativa do primeiro discurso de Elifaz é seu salmo que admoesta o arrependimento e a aceitação da reprovação divina. No capítulo 5, Elifaz termina o seu primeiro discurso com um eloquente e comovente apelo final a Jó para que aceite a reprovação divina, confesse os seus pecados e, assim, recupere o favor divino. Da mesma forma que esses conselheiros mesopotâmicos, Elifaz diz, que Jó perdeu o favor divino por causa de algum pecado que o acometeu.

Mas se ele confessar isso, Deus o restaurará. Elifaz diz isto: eis que quão bem-aventurado é o homem a quem Deus reprova. Portanto, não rejeites a correção do Todo-Poderoso, pois ela causa dor, mas amarra, golpeia, mas suas mãos curam.

De seis problemas ele te livrará e em sete nenhum mal te atingirá. Na fome, ele te redimiou da morte, e na batalha, do golpe da espada, do açoite da língua, você estará escondido e não temerá quando a devastação chegar. Ele continua descrevendo isso em detalhes, como Jó será libertado e como seus descendentes se multiplicarão.

E então ele termina com um apelo à sua tradição de sabedoria. Eis que nós pesquisamos e é verdade. É melhor você ouvir e aplicar isso para o seu próprio bem.

Ao dizer isto, Elifaz baseia-se na corrente conceitual do pensamento do antigo Oriente Próximo. Seu tema diz respeito ao efeito salutar que acompanha a confissão do pecado. Deus ficou ofendido com Jó, mas se Jó simplesmente confessar, o Senhor restaurará seu favor.

Embora Jó exponha o castigo de Deus como tendo um efeito melhorador, também parece estar subjacente aqui um elemento de capricho atribuído à divindade. Há um pouco de arbitrariedade atribuída a Deus. Isto é verdade nos versículos 17 e 18.

Ele causa dor, mas amarra, ele ataca, mas cura. A questão é que o sofredor não pode saber como Deus foi ofendido. Portanto, o sofredor deve simplesmente aquiescer.

Ele deve se arrepender. Ele deve confessar o seu pecado, reconhecer que Deus é supremo e soberano, e reconhecer que as leis da retribuição eram verdadeiras no seu caso particular. E ao fazer isso, ele receberá novamente o favor de Deus.

Passando então para o seu segundo discurso, chegamos a Jó 15. E em Jó 15, ele novamente enfatiza tanto a teologia da retribuição quanto a revelação divina. O gênero deste segundo discurso é novamente o discurso de disputa.

Seguindo uma introdução habitual, o segundo discurso de Elifaz tem duas estrofes nos versículos dois a 19. Elifaz repreende Jó por sua aparente recusa em se submeter ao conselho do amigo e em concordar com o que para ele é o óbvio descontentamento divino que ele está experimentando por meio de apaziguamento. Em outras palavras, Jó se recusa a acatar o conselho de Elifaz.

Esta seção pode ser caracterizada como um semiquiasma em que Elifaz alterna entre ridicularizar Jó fazendo uma série de perguntas retóricas e acusando-o abertamente de pecado. Ele ridiculariza através de perguntas retóricas, depois acusa de pecado. E então ele termina resumindo suas próprias qualificações para ser um professor de sabedoria.

Na segunda parte do discurso, que vai dos versículos 20 a 35, Elifaz volta-se mais uma vez para sua doutrina retributiva, alertando Jó sobre os conselhos sagrados da sabedoria edomita, uma tradição da qual Elifaz é um digno proponente. Quero me concentrar aqui nos versículos sete e nos seguintes deste segundo discurso. E aqui nesta seção, o conselho que Elifaz oferece: você foi o primeiro homem a nascer? Você foi criado antes das colinas? Você já ouviu o conselho de Deus? Você acumulou sabedoria para si mesmo? O que você sabe que nós não sabemos? O que você percebe que não é aparente para nós? Tanto os de cabelos grisalhos como os idosos estão entre nós com mais dias do que seu pai.

As consolações de Deus são poucas para você? Até mesmo a palavra destinada a um final gentil? Por que seu coração te leva embora? Por que você pisca seus olhos? Pois você volta o seu espírito contra Deus, vomitando tais palavras da sua boca. Ele continua descrevendo que Jó não é puro porque nenhum homem é puro. Deus não confia em seus santos.

Quão pior é aquilo que é abominável e corrupto. Ele continua dizendo: o que estamos lhe contando é o que os sábios declararam e não esconderam de seus pais. Nesta seção, Elifaz é muito mais contundente em suas afirmações.

Ele está indignado em seu conselho de que Jó recusou sua oferta de ajudá-lo a alcançar o apaziguamento divino. Ao ridicularizar Jó através desta série de perguntas retóricas, ele está essencialmente minando a recusa de Jó em obedecer. Ele está dizendo: qual é a sua sabedoria para se recusar tão levemente a seguir o que eu o aconselhei a fazer? E ele apela aqui para esta ideia do primeiro homem.

Ele diz: você foi o primeiro homem a nascer? Esta construção provavelmente significa o primeiro da humanidade ou o primeiro homem, Adão. Alguns relacionaram isso com mitos sobre Adão, mas é provável que Elifaz esteja simplesmente dizendo: você é tão sábio a ponto de ser tão sábio quanto o primeiro homem? No mundo antigo, aquilo que era antigo era percebido como possuidor de dignidade e autoridade. O que era recente era de derivação questionável.

E então, Elifaz está dizendo, como você pode afirmar ser tão sábio? Você é tão sábio quanto o primeiro homem? E a implicação, claro que não, é que Jó não é apenas tolo, mas é perverso e se recusa a seguir o conselho de Elifaz. Isto nos leva então ao terceiro discurso em Jó 22. O terceiro discurso é aquele em que Elifaz apela ao encantamento divino e ao repúdio ao pecado.

Neste terceiro discurso, ele também faz um discurso de disputa, mas aqui ele incorpora, como no primeiro discurso, vários elementos de um hino. Seu estilo lembra os Salmos. A estrutura do discurso é difícil de classificar.

Consiste em uma série inicial de perguntas retóricas nos versículos dois a cinco, seguidas pelo corpo principal do discurso. Alguns dividem isso em cinco subunidades, que consistem em Elifaz na primeira parte especificando acusações contra Jó. Ele está especificando quais são os pecados que Jó cometeu.

E então ele ameaça Jó de que se ele continuar a se recusar a obedecer, o mal o seguirá. Ele continua acusando Jó de alegar erroneamente que Deus é ignorante, de advertir Jó com base no fim dos ímpios e, finalmente, instruir Jó com uma promessa condicional de restauração. Se ele buscar a aprovação divina por meio do apaziguamento, Deus se voltará a favor dele.

Quero ler uma parte disso começando com sua série de perguntas retóricas, começando no versículo dois. Um homem pode ser útil a Deus? Na verdade, o perspicaz pode ser útil para ele? É algum prazer para o Todo-Poderoso se você é justo? Ele lucra quando você é reto em seus caminhos? É por causa de sua piedade que ele o acusaria de entrar em litígio com você? Não é grande a sua maldade, e

ilimitada a sua iniquidade? Pois você aceitou gratuitamente promessas de seus irmãos. A roupa dos nus você despiu.

Você negou água para beber aos desmaiados. Você reteve comida aos famintos. Ao homem forte a terra pertencia, o homem preconceituoso vivia nela.

No entanto, você despediu as viúvas de mãos vazias. Os braços dos órfãos foram esmagados. Portanto, armadilhas te cercam, de repente o pavor te desanima.

Elifaz volta-se nesta passagem para seu ritual prescrito pelo qual Jó pode recuperar o favor do Deus ofendido. Jó deve seguir o exemplo de Elifaz nesta seção, confessando pecados conhecidos ou desconhecidos, que ele possa ter cometido. Ao fazer isso, a implicação é que, à medida que Jó admite seu pecado, sua maldade, Deus, por sua vez, se voltará para Jó em favor e removerá seu desfavor.

Nos versículos 11 e 12, ele continua falando sobre as trevas e a água envolvendo Jó. Se há ou não escuridão, você não vê. Uma inundação de água envolve você.

Deus não está nas alturas dos céus? Veja quão altas são as estrelas. Aqui ele simboliza esse desespero implacável que envolveu Jó através da imagem de águas turbulentas, escuras e geladas, imagem que está ligada em outros lugares ao Sheol e ao tumulto aquoso e à escuridão sombria. A partir dessas imagens, Elifaz passa então para um hino que exalta a transcendência divina.

Os ímpios pronunciados a Deus, deixe-nos em paz. Não temos nenhum desejo de conhecer seus caminhos. Quem é o Todo-poderoso para que o sirvamos? E Elifaz dá a entender que Jó faz parte dessa classe perversa.

Sua única esperança é voltar-se para Deus com aquiescência, arrependimento e submissão. E fazendo isso novamente, recupere o favor de Deus. Assim, em resumo, eu diria que Elifaz, à medida que avança nos seus três discursos, concentra-se em vários princípios fundamentais.

Esta é a teologia da retribuição, a sua fonte de autoridade de sabedoria na sua revelação especial, a sua prescrição de encantamento e apaziguamento divino, e a sua ênfase de que Jó precisa de repudiar o seu pecado e submeter-se a Deus. E ao fazer isso, ele encontrará o favor divino. Isso nos leva à conclusão e a esta passagem final onde Yahweh repreende Elifaz nos outros amigos.

E a questão é: por que Elifaz é particularmente apontado aqui na repreensão? Nesta seção de Jó 42.7, Yahweh diz a Jó que Elifaz e os outros amigos pecaram. Jó 42.7 e 8 são lidos desta forma. Agora, depois que Yahweh falou estas palavras a Jó, Yahweh disse a Elifaz, o tamanita, minha ira arde contra você e contra seus dois amigos porque você não me falou o que é certo como meu servo Jó fez.

E agora tomem para vocês sete novilhos e sete carneiros e vão até meu servo Jó e ofereçam um holocausto por si mesmos. Jó, meu servo orará por você, pois considerarei sua oração para não lidar com você de acordo com sua tolice, pois você não me falou o que é certo como meu servo Jó fez. Muita discussão centrou-se neste texto na tentativa de determinar qual é o significado desses versículos. Como eles se relacionam com os discursos humanos e divinos anteriores? E qual é a natureza da censura que Yahweh pronuncia contra Elifaz e os outros amigos? Mesmo por que ele está em silêncio sobre Eliú? As questões principais dizem respeito ao significado da frase, para mim, por vezes traduzida como concernente a mim ou sobre mim, bem como ao objeto direto, o que é certo, que você não falou o que é certo para mim ou sobre mim.

Embora Yahweh proclame que Elifaz e os dois amigos não falaram corretamente sobre ou para mim como seu servo Jó fez, ainda assim o próprio Jó foi repreendido por Yahweh nos discursos de Yahweh. Por exemplo, em Jó 38.2, Yahweh diz: quem é este que obscurece o conselho com palavras sem conhecimento? E Jó continua se arrependendo em 42:1-6. A questão incômoda passa a ser a maneira como Jó falou corretamente sobre Deus, mas os amigos não. Como o conteúdo ou a forma dos discursos de Jó são superiores aos dos amigos? E por que especificamente os amigos são repreendidos? Mais precisamente, a questão pertinente reside na natureza da censura de Elifaz e como esta repreensão esclarece o seu papel e propósito no livro, bem como o que diz sobre a sua posição teológica.

A maioria dos comentaristas tradicionalmente interpreta a frase uma mentira ou para mim como significando a meu respeito. Um estudioso, por exemplo, argumenta que o significado é meu e aponta para Gênesis 20 :2, Abraão falou de Sara, sua esposa. De maneira semelhante, Edward Dorm aponta Jeremias 40:16 como ilustração do significado de falar sobre o assunto de alguém.

Você está mentindo sobre Ismael. Com esta interpretação, Yahweh repreende Elifaz e os outros amigos, principalmente pelo conteúdo de seus discursos e pelo que disseram sobre Deus. Eles não falaram corretamente porque a sua orientação teológica está implicitamente errada e a sua abordagem a Jó é prejudicial.

Discussões recentes, no entanto, de Daniel Timmer rebateram de forma convincente que o significado da frase deveria antes ser traduzido para mim. E que isso se adapta melhor ao contexto por vários motivos. Ele sugere então que a repreensão não se refere mais ao que os amigos disseram, mas sim ao que eles não disseram.

Vemos isso de vários ângulos. Primeiro, a preposição 'el, usada aqui, é usada três vezes depois do verbo falante no contexto imediato. A primeira ocorrência é determinante para os usos subsequentes.

No versículo sete, a narrativa diz, agora, depois que Yahweh falou estas palavras a Jó. E esta frase usa tanto a palavra para falar, devar, quanto esta preposição 'el. O significado da preposição nesta primeira frase é claramente para.

Yahweh disse pouco ou nada sobre Jó anteriormente, mas dirigiu seus discursos a Jó. E a maioria das traduções traduz dessa forma. Como contexto imediato, esse uso é determinante para as duas ocorrências subsequentes nos versículos seguintes.

Yahweh está repreendendo Elifaz e os outros amigos por não falarem corretamente com ele, visto que Jó falou corretamente com ele ao se arrepender de seus pronunciamentos precipitados. Em segundo lugar, as versões antigas apoiam, ou pelo menos não contradizem, o significado de to para a preposição neste versículo e apontam para longe do significado de concernente. Por exemplo, a Septuaginta traduz isso como enopiano, que sugere antes ou até, e a Vulgata tem quórum, que também sugere antes como locativo espacial, e não como referente ou sobre mim.

Terceiro, um estudo das ocorrências do verbo devar falar com a preposição 'el to em Jó prova ou demonstra que um dativo de objeto indireto está de fato à vista a cada vez, em vez de um significado de preocupação. Timmer argumenta que tal é o caso generalizadamente com esta construção em todas as escrituras hebraicas. Quarto, uma pista importante para o significado desta frase é encontrada na relação desta declaração com a crítica de Jó encontrada nos discursos divinos.

Estas ocorrem nos capítulos 38 a 41. Yahweh já tratou e reprovou as palavras de Jó em seus dois extensos discursos de confronto. Este fato tem duas implicações para o significado destes versículos 42 :7 e 8. A referência de Yahweh aqui ao que Jó disse corretamente, vis-à-vis o que os três amigos disseram, provavelmente não se refere ao que Jó proferiu no diálogo, pois isso seria anacrônico e inconsistente.

Yahweh já abordou o conteúdo desses discursos em seus discursos anteriores. Parece mais provável que ele esteja se referindo à declaração imediatamente anterior, ou seja, ao arrependimento estendido de Jó em 42.1 a 6. Número dois, já que Jó repreende, já que Yahweh repreende Jó anteriormente pelo conteúdo de seus discursos, é muito improvável que ele agora indique aprovação. do seu conteúdo em comparação com o conteúdo dos discursos do amigo. Em outras palavras, é improvável que ele diga agora que aprova o que Jó disse, já que antes ele parece ter repreendido Jó em seu discurso de abertura.

Esses fatores apontam na direção de encontrar uma solução no contexto mais imediato do arrependimento de Jó nos versículos 1 a 6. Então, finalmente, olhando para aquela frase, o que é certo, que os amigos não disseram o que é certo para mim. Isto também apoia a visão de que o arrependimento de Jó nos versículos 1 a 6 está em vista. Este participio, quando usado com um termo falante, é usado apenas

em alguns casos e refere-se inequivocamente ao que é certo, estabelecido, estabelecido ou confiável.

Em Gênesis 41, o termo se refere a uma palavra ou assunto que foi confirmado por Deus. Em Deuteronômio 13 e 17, é uma palavra ou declaração confiável e certa, portanto vinculativa em um caso legal. O Salmo 5 fala do malfeitor em que nenhuma verdade que não seja confiável ou certa é encontrada em sua boca.

O oposto do que é estabelecido ou confiável neste contexto é a loucura, o que é tolice. O último termo é usado duas vezes em Jó, uma das esposas de Jó, que está se comportando como uma mulher tola em 2:10 e como uma referência aos tolos insensatos que zombam do infortúnio de Jó no capítulo 30, versículo 8, Elifaz e o outro. amigos, como reconhece Timur, não são descritos como tendo dito coisas tolas. A loucura deles foi não terem falado a verdade como Jó fez.

Então, se Jó foi repreendido anteriormente por Yahweh pelo conteúdo de seus discursos, como sugerimos, qual é então a declaração confiável ou certa que Jó fez em distinção aos amigos? Parece que, pelo contexto, refere-se à sua extensa declaração de arrependimento nos versículos 1 a 6. Os amigos são acusados de não falar palavras certas e confiáveis a Yahweh porque não se humilharam para se arrepender no local da teofania como Jó foi, e ainda não foi repreendido pela arrogância com que se aproximaram de Jó e se arrogaram o papel de porta-vozes divinos. Portanto, a acusação que Yahweh faz contra Elifaz parece ter mais a ver com sua arrogância e com sua falha em se humilhar diante de Yahweh em arrependimento. Como conselheiro que busca levar Jó ao arrependimento e à purificação ritual, ele próprio agora precisa disso porque não se humilhou diante de Deus em meio ao seu ataque verbal.

Então, eu diria que a repreensão de Yahweh não trata tanto do conteúdo dos discursos de Elifaz em si, mas sim da arrogância característica com a qual Elifaz se afirmou. Não quer dizer que Yahweh concorda inteiramente com o que Elifaz disse ao sugerir que isso seria uma leitura excessiva do contexto. Em vez disso, parece que Yahweh se cala sobre o conteúdo dos discursos de Elifaz, mas está muito descontente com a postura estridente que Elifaz adota.

Elifaz se arrogou para falar de forma inequívoca e incontestável como porta-voz de Deus. E Yahweh agora o obriga a se arrepender dessa arrogância. Vislumbres da genialidade deste livro surgem assim.

Os antigos rituais do Oriente Próximo, que recomendavam a submissão e a purificação, quando um conselheiro levava o sofredor ao arrependimento, inverteram a situação. O próprio conselheiro deve agora buscar uma reconciliação humilhante com a divindade ofendida, sob os auspícios do sofredor. Isso é o equivalente a uma reviravolta na história antiga.

Assim, esta análise anterior destas partes dos discursos de Elifaz procurou sublinhar a realidade de que Elifaz, no seu papel como conselheiro do antigo Oriente Próximo, enraizou a sua sabedoria na sabedoria da antiga Mesopotâmia. E ao fazê-lo, ele procurou levar Jó a um lugar de apaziguamento divino, mas falhou. A coleta desses insights proporciona uma compreensão mais clara do papel e do propósito da Elifaz.

Ele é o conselheiro que deveria levar Jó ao arrependimento, mas acaba falhando em fazê-lo. Assim, para concluir, apresentei aqui uma reavaliação nova e um tanto limitada do principal interlocutor de Jó, conforme encontrada em seus ciclos de diálogo no livro de Jó. Examinamos sua provável formação na cosmovisão mesopotâmica.

Conversamos sobre sua história de recepção e algumas das ambiguidades interpretativas que lhe estão associadas. Nós nos concentramos em uma passagem chave que descreve sua doutrina retributiva, capítulo quatro, versículos sete a 11. Vimos como ele fornece um paradigma para os outros amigos ao delinear a retribuição como um princípio chave em sua teologia.

Também examinamos Elifaz da perspectiva da antiga sabedoria do Oriente Próximo. Nós o víamos como um sábio edomita familiarizado com o papel que um conselheiro-chefe desempenharia. Ele está enraizado em suas tradições teológicas e de sabedoria, que estavam presentes em todo o mundo antigo.

E vimos que isso se refletia nas ideias da teologia da retribuição, do encantamento divino e da sabedoria mântica. Finalmente, ofereci uma análise exegética de partes-chave dos discursos de Elifaz. Esta análise fortalece esta ligação entre o conteúdo dos conselhos fornecidos por amigos e os conselhos de outros sábios do antigo Oriente Próximo que também forneciam teodicéia.

Esta ligação sublinha que Elifaz não deve ser tratado como um personagem plano e unidimensional no livro, mas deve ser visto como um conselheiro sofisticado que tem à sua disposição o melhor da sabedoria e do discernimento humanos. E, no entanto, apesar disso, Elifaz falha como conselheiro porque, na sua arrogância, não reconheceu a verdadeira fonte da sabedoria, que não reside nos sonhos sombrios das tradições dos antigos ou nos rituais de limpeza habituais dos antigos. Religiões do Oriente Próximo. Pelo contrário, está no próprio Senhor.

Como demonstram os discursos de Yahweh, só Deus é a fonte da sabedoria transcendente, capaz de resolver as questões últimas suscitadas pela finitude humana. Como cristãos, temos de fechar o ciclo para reconhecer que, séculos mais tarde, esta sabedoria divina de Yahweh se concretizaria no Salvador nascido para redimir a humanidade perdida. Uma humanidade cujas melhores percepções são apenas loucura para Deus, como nos diz 1 Coríntios 1.

Este Salvador seria aclamado como aquele a quem Deus tornou nossa sabedoria, nossa justiça, santificação e redenção. Ele é aquele em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento. Onde Elifaz fracassa como um sábio, Jesus Cristo consuma a sabedoria de Yahweh.

Jesus Cristo é a fusão perfeita da sabedoria divina e humana, o antídoto para o sofrimento de Jó, a resposta para a maior necessidade da humanidade. Cristo é de fato o maravilhoso conselheiro a quem todos devemos dar ouvidos. Obrigado.

Este é o Dr. Kyle Dunham em seu ensinamento sobre Elifaz, o sábio piedoso de Jó. Esta é a sessão número dois, a teodicéia da sabedoria de Elifaz no contexto do antigo Oriente Próximo e das Escrituras.